

# emrofn

## Yes, nós temos salada de frutas



Ilustração: Martin



# Informe

Texto: Liana John

**E**xiste um setor da agricultura — considerado quase supérfluo — que não é controlado pelo governo e vai muito bem, obrigado. Por incrível que pareça, neste setor vigoram as tais das regras de mercado, lei da oferta e procura e essas coisas que a gente já estava prestes a incluir nos livros da Carochinha.

Ali, os preços sempre caíram muito no auge da safra e subiram aos céus na entressafra, fazendo com que mais e mais produtores se interessassem em entrar no mercado (perdão, senhores, se entregamos seu ouro aos bandidos).

Sem maiores suspenses, o tal setor é o de fruticultura, onde nem mesmo a perenidade das árvores e o tempo de espera até o início da produção assusta os agricultores.

E tudo porque o fantasma dos tabelamentos e controles governamentais não assola os verdes pomares de nossa terra, garantindo remuneração compensadora a quem se aventurar possa. Foi exatamente essa ausência da “mãozinha” oficial que tornou possível, por exemplo, o avanço tecnológico das culturas mais populares.

Muitos produtores de laranja, banana, melão, mamão, abacaxi, uva Itália e abacate investiram em pesquisas, contrataram agrônomos e acabaram conseguindo produzir bons frutos durante a entressafra. Ou seja, o mercado dessas frutas vem se regularizando a cada ano, a ponto de existir em vários casos de oferta contínua e, conseqüentemente, preços estáveis.

Com algumas frutas-exemplo, como o melão amarelo e o mamão Papaya, conseguimos passar de importadores a exportadores. E isso, repetimos, sem necessidade do controle estatal, o que prova que os agricultores são bastante crescidinhos e sabem andar sobre as próprias pernas.

É claro que as frutas não são alimentos essenciais, como o feijão e o arroz, mas do jeito que andam as safras o brasileiro vai acabar mesmo é adotando o regime dos passarinhos: na base de muita banana, jaca e mamão. Pelo menos são estas que andam sobrando no mercado, enquanto os “básicos” só aparecem em saudosos sonhos.

Bom, e aí as autoridades aproveitam a dica (de um setor caminhando sozinho) e justificam a tese de retirada dos subsídios, restrição ao crédito agrícola, ao Proagro, etc., etc. Grande tática: primeiro distorcem; criam a política do acaso; viciam uns no dinheiro fácil; achatam outros nos tabelamentos; provocam queda de produção e desestimulam os produtores. Depois se retiram, deixando São Pedro e o bolso dos consumidores resolverem a parada.

Pois é, mas isso já é outro assunto. A intenção mesmo era só mostrar o exemplo de quem consegue chegar todos os meses ao supermercado, sem mágicas ou grandes dramas. De quebra, vão também as pesquisas, as tentativas e até os boicotes ao produto nacional. Com vocês:

## Mamão Papaya, o meteoro da CAC

As sementes do mamão Papaya chegaram ao Brasil por volta de 1974. Importadas diretamente o Haway pela Cooperativa Agrícola de Cotia e fruticultores do Pará. O produto teve sucesso imediato nos maiores centros consumidores, motivando agricultores de vários estados a iniciar sua produção.

Sete anos depois, o Papaya já é um produto de oferta contínua, com preços estáveis durante todo ano. Milagre? não, questão de bom senso e

faro de mercado. Segundo Minoru Takano, diretor comercial da Cooperativa Agrícola de Cotia (CAC), “a equipe de agrônomos que pesquisa novas espécies de frutas para nós vinha sentindo a necessidade de implantar um novo tipo de mamão no mercado. Uma fruta que atendesse às famílias de 4 ou 5 pessoas sem o desperdício do mamão comum”.

Daí a tentativa de se trazer o mamão havaiano, menor e mais doce que o nosso. “O mamoeiro se adaptou bem ao clima do norte brasileiro e o consumidor logo aderiu ao produto”, continua Takano, “tanto, que o mamão comum teve seu consumo reduzido em cerca de 50%, nos últimos cinco anos”.

O segredo da oferta continua, sem entressafras, está no próprio mamoeiro, que produz durante o ano todo. Basta uma grande área plantada e a oferta pode ser mantida. Interessante é que pela média mensal de preços do Papaya existem alguns meses com excesso de oferta (e, conseqüentemente, preços mais baixos).

Minoru Takano explica que não há sazonalidade na produção, mas no consumo. Quer dizer, apesar da oferta ser constante, nos meses de maio, junho e julho o consumo diminui, provocando a queda de preços no mercado.

Ainda assim, o mamão havaiano tem vantagens sobre o comum, pois ele pode ser embalado em caixas maiores, por mais tempo, facilitando a exportação. Atualmente, a exportação brasileira chega a 30 ou 40 toneladas, do produto por semana e vai para a Argentina, França, Holanda e Alemanha.

A produção nacional em 1980 atingiu 30 mil toneladas, devendo chegar a 42 mil toneladas este ano. A CAC participa com 50% dessa pro-



# emrota Informe

dução e seu diretor comercial garante que o mamão Papaya é um bom negócio, apesar dos mamoeiros só comecem a produzir depois de 11 meses e somente durante dois anos (após o que a plantação deve ser inteiramente refeita).

## Melão amarelo, de importado a exportado

O melão amarelo é outro caso-exemplo, que prova que podemos ser eficientes no campo. Aproximadamente há dez anos o produto era importado da Espanha e Chile e, um dia, foi plantado em São Paulo. O clima foi favorável, mas a produção ainda era pequena e não impedia a importação.

A tentativa seguinte foi a de criar safras rotativas em micro regiões de climas diversos para conseguir uma oferta constante. A tentativa teve sucesso e, hoje, não só conseguimos produzir o ano inteiro como também somos auto suficientes no produto e possuímos um excedente exportável.

Nossa época de maior oferta coincide, inclusive, com a entressafra européia. Já fizemos experiências com o nosso melão no mercado inglês, este ano, onde ele foi muito bem recebido. Em breve, estaremos devolvendo à Europa tudo o que dela importamos de melões.

No total, a produção brasileira em 1980 foi de 3 milhões de caixas, sendo que cada caixa contém cerca de 18 kg.

## Pera e maçã, as grandes boicotadas

Para o Presidente da Comissão de Fruticultura da Federação da Agricultura do Estado de São Paulo, Dante Bastos, "o Brasil poderia se tornar auto suficiente e até exportar maçãs

em mais ou menos seis anos". Bastaria, para tanto, que o governo não atrapalhasse.

Em outras palavras, seria suficiente continuar suspendendo as importações de maçãs argentinas durante a safra nacional (este ano elas não foram suspensas, prejudicando nossos produtores) e retirar os 15% de ICM que incidem sobre o produto. Ressalte-se aqui que o ICM é pago pelo produtor, cuja rentabilidade fica bastante diminuída.

A maçã brasileira já teve de enfrentar, por bastante tempo, a resistência do consumidor ao seu aspecto e sabor. Mesmo assim, conseguiu se firmar e vem competindo com o produto argentino quase no mesmo nível de preços (a nacional chega a ser um pouco mais cara, às vezes). Se o ICM fosse retirado, afirma Dante Bastos, "o produtor seria melhor remunerado e o consumidor pagaria menos".

Aliás, complementa, "todos os produtos alimentícios deveriam ser isentos de ICM, especialmente se não frutos de árvores perenes, como a maçã e a pera (que levam 5 e 8 anos para começar a produzir, respectivamente)".

No caso específico da pera nacional o "boicote" oficial é mais grave: os pomares paulistas vêm sendo dizimados por um fungo, sem qualquer assistência ou controle das estradas por parte da secretaria de agricultura. Segundo o presidente da comissão de fruticultura da FAESP, no município de São Roque, por exemplo, "os 1.264 produtores de pera ficaram reduzidos a apenas dois: os que conseguiram combater a praga sozinho". E o fungo vem se alastrando a ponto de ameaçar os pomares de estados vizinhos (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul).

Dessa maneira, a chance que tí-

nhamos de nos tornar auto suficientes também em pera vem se esvaindo na falta de pulverizadores de estrada. Sem dúvida, uma brilhante cooperação do "governo agrícola" que estamos vivendo.

## Breve, mais uma bomba da CAC: o abacate

Exatamente como fez com o mamão Papaya, a Cooperativa Agrícola de Cotia vem desenvolvendo um novo tipo de abacate, que deverá mexer com o mercado nacional nos próximos dois ou três anos.

É um abacate menor, de 300 a 400 g, com uma semente de apenas 50 g. Segundo os pesquisadores da CAC, ele tem um aproveitamento maior da polpa, é mais resistente e serve melhor às famílias dos centros urbanos, pois o abacate de 1 kg muitas vezes estraga na geladeira depois de aberto.

Se o consumidor se adaptar ao tamanho do abacate, o novo produto deverá desbancar o abacate manteiga. O problema é que o brasileiro compra mais pelo tamanho que pelo gosto, resistência que a CAC pretende vencer em breve.

A nova espécie também servirá melhor à exportação, pois é do tamanho ideal para o mercado europeu e terá sua safra durante o período de entressafra de lá.

Como se vê, não é tão difícil realizar pesquisas e abastecer a mesa do brasileiro num mercado agrícola auto regulado. Apesar de todas as dificuldades das frutas (com seu tempo de carência até o crescimento dos pomares e muita gente as considerando supérfluas), elas estão aí atendendo ao consumo interno e gerando divisas com a exportação.

Resta saber se um dia esse sonho vai chegar ao feijão com arroz. ■